UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

VIII SEMESTRE

"A MULHER ENQUANTO OBJETO DE DESEJO SOB A VISÃO MASCULINA E FEMININA NAS RESPECTIVAS OBRAS: *A CARNE* E *O BÚFALO*"

5917

Claudia Dark Mendes

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
REG Nº 5917
Data 26/01/00

PONTES E LACERDA – MT, 22 DE NOVEMBRO DE 1999.

Turma- 1999/2 Ex.01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

VIII SEMESTRE

"A MULHER ENQUANTO OBJETO DE DESEJO SOB A VISÃO MASCULINA E FEMININA NAS RESPECTIVAS OBRAS: *A CARNE* E *O BÚFALO*"

Ensaio monográfico apresentado ao curso de Letras da UNEMAT (MT) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: José Pereira da Silva Neto

PONTES E LACERDA – MT, 22 DE NOVEMBRO DE 1999.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	04
EPÍGRAFE	05
APRESENTAÇÃO	06
OBJETIVO	07
PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA	08
QUADRO TEÓRICO	10
ANÁLISE DAS OBRAS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
BIBLIOGRÁFIA	39
ANEXO	40

Agradeço a Deus porque sempre me ajudou e me iluminou. A minha família pelo apoio, pelo incentivo e pelo amor que teêm por mim e a Dra. Carmem uma grande amiga que soube me compreender e ajudar nos momentos difíceis.

Agradeço por chegar até aqui !

Obrigada.

"Desejo é relação entre seres humanos carente. Por isso amamos até a loucura e odiamos até a morte."

CHAUÍ, Marilena

APRESENTAÇÃO

Muito se fala sobre sexo, aliás, muito se mostra sobre sexo. Mossas casas estão sendo invadidas por cartazes, propagandas, novelas, filmes, etc., que estampam o corpo das pessoas sexualmente, até mesmo nos computadores, via Internet, temos tudo sobre sexo para todos os tipos de estilos e gostos. Observa – se que a grande maioria dessas exposições traz a mulher como protagonista , é o corpo de uma mulher que esta sendo explorado pelas pessoas e pela mídia, exemplo disso temos os grupos de dança como o "É o tcham". Mas, o que tem haver tudo isso com minha monografia? Bom, poderia dizer que tudo, afinal o corpus escolhido é como o universo feminino é visto através da visão masculina e da visão feminina. Este universo feminino é entendido através do desejo manifestado na sexualidade.

É claro que esta seria uma longa pesquisa se tivesse que englobar cada acontecimento, cada propaganda, enfim, tudo o que vemos e ouvimos sobre "mulher, objeto de desejo", portanto para poder delimitar o meu corpus, estarei analisando duas obras, uma de Júlio Ribeiro, "A Carne", onde o narrador masculino descreve os desejos de uma mulher. O livro traz a história de Helena (Lenita), uma jovem formosa que tem o seu desejo sexual a flor da pele. Lenita tem suas fantasias sexuais com o de Manuel Barbosa (Manduca) um homem maduro já separado da primeira esposa. O jogo de sedução se dá na fazenda de Manduca. A outra obra é "O Búfalo", um conto de Clarice Lispector onde a narradora descreve os anseio e desejos de uma mulher.

OBJETIVO

É lógico que tudo o que nos propomos a fazer temos em mente um alvo a ser atingido, seja pessoas individual ou coletivamente, pretendemos alcançar um objetivo já suposto. Terei como objetivo mostrar que o universo feminino é visto diferentemente pelo homem e pela mulher. Nessa monografia será entendido como universo feminino o do desejo manifestado na sexualidade.

PROBLEMÁTIVA E JUSTIFICATIVA

Um novo século está para começar, o século 21, mas antes dele, no nosso tempo, na nossa era, convivemos com coisas que nos despertam a curiosidade, ou podemos dizer indagação. Fazemos aos outros e a nós mesmos uma série de perguntas sobre fatos que muitas vezes nos assustam como é o caso das drogas, da guerra, dos meninos de rua e vários outros que se fossem citados nos tomariam muito tempo. Mas entre esses fatos chamou a minha atenção e sei que não é só a mim mas a muita gente, pois o sexo causa muita polêmica. Exemplo deste interesse, temos a reportagem da revista "Isto é"[1] , por Angela Klinke e Bruno Weis onde eles abordam a questão da influência da mídia em relação ao sexo. Não é nenhuma novidade vermos estampado na TV e agora na Internet cenas de sexo e, muitas delas, aliás a maioria delas, são de mulheres que exibem o seu corpo como mercadoria a ser consumida. É claro que este seria um assunto muito longo que exigiria muito tempo de pesquisa, mas dentre essas polêmicas um fato em particular despertou a minha curiosidade, o da sexualidade da mulher. Isto é a mulher enquanto objeto de desejo, é lógico que este também é um tema muito extenso, afinal o que poderia ser esse desejo, como e por que ele acontece, então me detive a um limite, o de retratar a visão feminina e masculina frente ao desejo da mulher através da sexualidade, que ao meu ver é um tema de muita curiosidade e bastante interesse. Sei que há uma pergunta, o

---

[1] Isto é. nº 1560, 25 de agosto de 1999.

porquê deste corpus? Bom, talvez seja para satisfazer o meu interesse, mas vejo que não, pois como já disse, é um assunto que causa bastante debate e, seria interessante saber como a mulher é vista pelo homem e como este descreve o modo de ser e de agir da mulher, quais são os detalhes percebidos pela figura masculina no universo da sexualidade feminina, de que forma a figura masculina vê e descreve o desejo feminino, ou seja, a mulher enquanto objeto de desejo e mais, como a mulher retrataria o seu próprio universo seu próprio corpo De que forma ela definiria a figura feminina como objeto de desejo? .

Campus Universitário de [illegible] e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

QUADRO TEÓRICO

Para podermos abordar tamanho assunto, temos que delimitar algumas definições, como por exemplo o desejo. O que seria?. Sobre esse assunto cria – se algumas divergências e, muitas vezes mitos. Para Marilena Chauí, desejo pode ser imaginação, simbolização. Para a psicanálise, o desejo pode ser aquilo que você não tem mas gostaria de ter, chegando até mesmo no sentido de inveja, assim, segundo a psicanálise, a mulher tem vontade de possuir o pênis, que é exatamente o que lhe falta, ou seja, há na mulher uma lacuna, uma carência ou falta originária do órgão sexual masculino. Já estudos feitos por antropólogos revelam o contrário, seria o homem que teria inveja do útero, da capacidade de reprodução. Muitos acreditam que foi a mulher que criou os objetos, como o arco e a flauta, um para a caça e outro para a comunicação, mas não tendo ela usado com sabedoria esses objetos foi dado aos homens o direito de usá-los. Chega a admitir que, a criação originária é de organização matriarcal. Percebe-se, pois, que a inveja entre homens e mulheres em relação aos seus órgãos sexuais não dependem diretamente da anatomia "mas do processo de simbolização da diferença sexual no interior de uma cultura determinada(...) é nessa simbolização que melhor transparece a sexualidade como desejo, carência, plenitude e criação. Vida e morte"[2].

Vemos que as considerações sobre as diferenças históricas e geográficas e temporais não existem apenas em relação à nossa sociedade em relação a outras, mas sim

---

[2] CHAUI, Marilena – Repressão Sexual. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.p.26

relacionado a nossa própria sociedade na qual se transformam os valores, preconceitos, fantasias e práticas referentes à família, ao casamento, à velhice, ao corpo, ao prazer, ao amor.

Assim, o que entendemos hoje por família e casamento não é o mesmo que se entendia em outras sociedades, a dos nossos avós a 50, 60 anos atrás. Não que não existisse o conceito sobre família e casamento , mas o sentido, a função que lhes damos hoje não são eternos. O mesmo pode ser dito sobre o corpo e o sexo. Exemplificando, durante muito tempo o sexo referia-se exclusivamente às mulheres, aliás elas não tinham um sexo, eram o sexo, por isso precisavam ser controladas, punidas, podadas, vigiadas. Podemos dizer que esse tipo de preconceitos existiu até pouco tempo, ou será que podemos dizer que existe até hoje? Quando a mulher sai do mundo de repressões sexuais ela é tida como devassa, infame, imoral, vulgar, etc. Há um livro de psicologia escrito por Barbara Black Koltuv, intitulado "O Livro de Lilith" onde ela desenvolve o mito histórico da mulher como desejo. A partir daí ela será vista como um elemento demoníaco. Segundo a mitologia, ela vagueia na noite provocando nos homens e mulheres sonhos eróticos e orgasmos noturnos. A essa mulher atribui – se várias denominações, como, por exemplo a de Lamashtu, Mulher Devassa de sangue, etc. Afirma – se que Lilith foi a primeira mulher de Adão. Ela foi feita do mesmo barro que ele e com o passar do tempo os desejos de Lilith tornaram-se iguais ao de Adão, ou seja, tinham as mesmas necessidades sexuais então, ela passa a ser a mulher de Samael, do diabo, pois as atitudes dela combinam mais com essa figura do mau. Depois de Lilith, surge Eva, a mulher perfeita, pura, submissa que fora feita da parte boa de Adão. Lilith, é um Espirito Livre, que odeia ser contida, controlada, ela é uma força, um poder. Os relatos sobre a origem de Lilith não podem ser definidos, mas a sua mitologia está no Zohar, uma obra cabalística do século XIII que foi escrita para advertir os homens contra os poderes do demônio feminino noturno.

Portanto, a preocupação em controlar os instintos femininos já existem de longa data e até mesmo hoje, pois em uma reportagem exibida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) em 17/03/99 foi mostrado uma escola em Natal, Rio Grande do Norte, que prepara adolescentes para serem "donas – de – casa" ensinam como agir numa casa e como tratar os maridos para segurar o casamento. A base desses ensinos está na renúncia da mulher, ou seja, a mulher tem que abrir mão dos seus sonhos para fazer dos sonhos do seu homem a sua prioridade.

É claro e óbvio que nossa sociedade é uma sociedade machista, como prova disso Chauí traz o conceito que se tem sobre o adultério. Quando acontecido com os homens a explicação é "aceitável", afinal os homens não ficam grávidos e sua sexualidade é mais exigente do que a feminina agora, quando acontece com a mulher esta é considerada uma aberração da natureza e, se caso o homem traído, cometer um crime no sentido de recuperar sua honra ou num momento de raiva (comete um assassinato) este não é considerado como crime passional e não é passível de punição, isso foi até 1988, depois muda –se a concepção dos direitos, ou seja, direitos iguais para homens e mulheres então, a mulher pode também defender a sua honra. A violação sexual de crianças por adultos é reprimida, é o caso do estrupo onde em caso de gravidez é considerado legal o aborto, mas mesmo assim há uma investigação policial para "averiguar se a mulher currada ou estuprada realmente não consentiu na relação sexual"[3], ou seja, existe uma desconfiança implícita em relação a mulher referente ao sexo.

Os movimentos femininos procuraram mudar essa situação supracitada, é claro que já se conseguiu muitas mudanças mas as vezes esses movimentos se tornam radicais, não que não se tenha que lutar para que haja mudanças, mas as vezes acabam se excedendo na luta contra o machismo. Segundo Camille Paglia, "o feminismo encara toda hierarquia

---

[3] op. cit.; p. 79

como repressiva, uma ficção social; todo aspecto negativo na mulher é uma mentira masculina, destinada a mantê-la em seu lugar. O feminismo excedeu sua missão, a busca de igualdade política para as mulheres, e acabou rejeitando a contingência, ou seja, a limitação humana pela natureza ou pelo destino"[4], porque para ela não existe livre-arbítrio na natureza, ou seja, nossas escolhas nos é entregue pré – embaladas, moldadas por mãos que não são as nossas.

Há no sexo uma maior sombra do que se imagina. Existem teorias, como a behaviorista, que admite ser possível o sexo sem culpa, mas o sexo sempre foi e sempre será cheio de tabus, pois ele é o ponto de contato entre o homem e a natureza. O sexo nos é imposto pela natureza, não o escolhemos. Para Freud somos uma criatura de dia e outra à noite, afinal à noite podemos mergulhar num mundo de sonhos onde nossos instintos podem reinar, ou seja, a nossa natureza.

Conclui - se que a busca da liberdade por meio do sexo será fracassada, pois no sexo há uma compulsão, uma velha necessidade (instinto) e a natureza muda suas regras sempre que quer não podendo assim entendê-la e não entendendo-a não se entende o sexo.

A religião também tem seus aspectos conservadores em relação a sexualidade, ela usa todos os seus argumentos para condenar o sexo, um deles é a perda do Paraíso com o primeiro pecado, o da maçã. Homem e mulher descobrem a nudez, a vergonha, o bem e o mal e devido a desobediência eles caem ficando assim distantes de Deus então descobrem o que é possuir corpo. Este corpo vai significar carência, desejo e mortalidade com a vinculação do sexo com a morte, tem-se consequentemente a vinculação do sexo à procriação e, segundo Marilena Chauí, a religião cristã restringe a sexualidade para fins de procriação e toda atividade sexual que não tenha essa finalidade procriadora é considerada pecaminosa l, pois o desejo sexual traz o abaixamento espiritual.

Campus Universi... e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

[4] PAGLIA, Camille – Personas Sexuais. 2ª re. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p.

então, aconselha-se que as mulheres se mantenham virgens, porque a virgindade é uma graça, um Dom de Deus, uma conquista.

O corpo feminino, na religião, é considerado como "templo do Espirito Santo" não podendo ser tratado de qualquer maneira pois é recinto sagrado e contra ele erguem-se vários pecados da carne que é a fornicação, o adultério, masturbação e homossexualismo. É por isso que a virgindade é essencial, mas na impossibilidade de mantê-la há um remédio, o matrimônio. Para o cristianismo, o casamento é a maneira de colocar um freio na mulher, porque "sendo a mulher a culpada do pecado original, é mais sensual e mais sexuada do que o homem, mais fraca e sujeita a sucumbir as tentações ..."[5], portanto deve ser podada é por isso que a mulher deve obediência ao marido para que essa possa ser controlada.

Sendo as mulheres, no casal ao lado, ao lado da luxúria e do pecado, a parte fraca, os teólogos recorreram as Epístolas de Efésios de São Paulo, a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho e estabeleceram o seguinte:

1- Na relação sexual não se deve obter prazer, o marido deve limitar-se à penetração na esposa, não sendo necessário que a toque e vice-versa.
2- Para que se estabeleça a ordem natural, a de que a mulher serve ao homem, no leito conjugal a mulher deve ficar na posição passiva, ou seja, nunca ficar sobre o homem.
3- O corpo da mulher deve ser coberto no leito conjugal e fora dele visto que o corpo dela não manifesta nem a imagem e nem a glória de Deus, já que foi o homem que foi criado a imagem e semelhança do Pai.

Em relação ao primeiro item, se a mulher deve ou não ter prazer, há divergências de opiniões, segundo Chauí, os partidários do Médico Galeno acham que para a procriação, já que na religião o sexo se limita a isso, deve existir o prazer, porque a procriação só ocorre

---

[5] op. Cit.: p.91

se houver lançamento de sêmen pelos dois cônjuges e isso ocorre mediante o orgasmo. Mas deixam bem claro que o prazer feminino deve ser o mínimo necessário e o mais breve possível. Já os partidários do filósofo Aristóteles, consideram inútil e condenável o prazer feminino para a procriação, porque a mulher contribui na procriação com o sangue menstrual acumulado no útero que será fecundado pelo esperma. Porém numa coisa todos concordam, de que a mulher é a parte luxuriosa, fraca e caso tenha sido excitada pelo marido até que esse consiga ejacular, faz – se necessário que ela também tenha prazer para que não se masturbe ou procure outro homem.

Como pode-se observar, a igreja está presente na cama do casal, reprimindo e repreendendo a sexualidade através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino, portanto, as mulheres, sem exceção, são tidas como mal maléfico porque, por natureza, elas são insaciáveis e prestam a todo tipo de sexo, ou seja, as fraquezas da carne.

Na perspectiva da moral, as práticas e idéias sexuais devem obedecer a um padrão de moralidade e caso isso não aconteça, essas práticas são consideradas como vício, que é definido como gosto ou prática sexual e isso é reprovado pela moral e pela sociedade. Portanto, tanto na versão religiosa quanto na civil, a finalidade é uma só, garantir pelo casamento o controle da sexualidade e da subordinação da esposa ao marido, só que no social é o Estado quem faz o papel da igreja, tornando o casamento uma fato público e a família uma instituição social e política que deve ser controlada é o caso de muitos países em que o controle de natalidade é feita pelo Estado.

Segundo a ciência, o corpo é como conjunto de funções e disfunções, ou seja, coisa física e biológica. Inicialmente as idéias sobre o corpo humano era a de que o corpo seria pensado como máquina, assim o corpo receberia o impulso inicial da consciência e depois operaria sozinha. Mas, posteriormente o corpo passa a ser pensado

como organismo, não mais como partes separadas ligadas por relações de causa e efeito. Contemporaneamente, o conceito inicial de corpo, ou seja, o de máquina voltou a ser privilegiado, mas agora a "máquina" se torna mais sofisticada, eliminando a relação com o exterior e realizando por si mesmo as operações, isto é o código genético por isso o corpo se torna inteiramente previsível e controlável, ou seja, podemos observar o que acontece no útero materno e prever tudo o que acontecerá no decorrer da vida e mais, como se controla o corpo pela bioquímica e biofísica, torna-se capaz a reprodução sem o sexo, assim a ciência consegue liberar a humanidade do seu maior castigo e tormento, o sexo.

ANÁLISE

Antes de entrarmos na análise, vamos primeiro saber um pouco das obras e dos autores:

Clarice Lispector, a autora de *O Búfalo*, escreve a maioria das suas obras usando metáforas e sob o fluxo de consciência, isso não foi diferente com o conto citado. Segundo a crítica, seus textos são complexos e abstratos, Lispector escreve sobre o mundo exterior de tal forma que tenta absorver o mundo pelo *Eu*. Em relação ao conto *O Búfalo* que foi escrito em 1960, não encontrei comentários críticos.

Júlio Ribeiro, o autor de *A Carne*, firmou-se como naturalista com a obra citada. Foi no naturalismo que Júlio Ribeiro encontrou oportunidades de soltar seu temperamento, ele estava sempre inconformado e lutava contra o meio e a sociedade de sua época. Como jornalista não aceitava em seu jornal notas sobre os escravos em fuga, ele era a favor da abolição.

Segundo a crítica, *A Carne* prende a atenção pelas cenas eróticas, o livro não se impõe pela força literária e nem pelo vigor das suas personagens. É um livro "proibido" que geralmente é descoberto na adolescência e é por isso que prende a atenção, ou seja, a sensualidade que está presente em todo o livro é o que faz destacar e não o seu merecimento literário: "O que se observa, com a curiosidade de quem devassa o caminho interdito, é o do sensualismo que desprende do livro, derramado ao longo de suas páginas sob o pretexto – que talvez haja sido sincero – do Naturalismo mais audaz e corajoso."[6]

---

[6] COUTINHO, Afrânio – A Literatura no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p.85

Campus Universitário Rondonópolis e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Veremos agora uma síntese das obras que serão analisadas:

"O Búfalo"

É a história de uma mulher a procura do prazer, tentando entender o mundo que a cerca. É um texto metafórico onde a narradora retrata o desejo feminino revelado na sexualidade. Todo o fato narrado se passa em um zoológico, onde uma mulher observa todos os animais e as pessoas que ali estão. A personagem passa de jaula em jaula tentando encontrar explicação para o seu desejo, que é descrito de uma forma muito simples e profunda pela narradora, desde a descoberta do desejo até a liberação do mesmo. A mulher fora ao jardim zoológico para buscar algo que revelasse o mundo feminino, a sua busca é muito mais do que prazer por prazer, ela quer entender suas reações, seu corpo, seu desejo e tudo isso é retratado de uma maneira muito particular pela autora, que acredito eu, por ser mulher tentou descrever coisas pequenas mas que tem grande valor para uma mulher.

"A Carne"

Helena ou Lenita, como era chamada, era filha de Lopes Matoso, um senhor viúvo que cuidou da filha sozinho, ensinando-lhe tudo o que sabia. Até aos 14 anos Lenita fora criada numa chácara, depois eles foram para cidade para que a moça tivesse seus estudos. Como era uma jovem formosa, o que não lhe faltava era proposta de casamento mas ela recusava – se a casar. O relacionamento de Lopes Matoso e sua filha era muito bom mas aos 22 anos Lenita perde esse relacionamento com a morte do pai. Então foi morar na fazenda do coronel Barbosa, seu tutor que já era um homem de idade e tinha um único filho, o senhor Manuel Barbosa, o qual já era homem feito, casado e separado da esposa há muito tempo. Os dias na fazenda eram angustiantes e Lenita vivia-os sem nenhum entusiasmo. Foi passando o tempo e a moça fora – se acostumando com a sua nova vida e então passou a conhecer – se, a feminizar – se, não lia mais os livros de ciências, lia livros que traziam sentimentos, não tinha mais gostos viris, tornou – se sentimental e até já concebia a idéia de se casar, passou a admirar a figura masculina e coisas já vistas por ela passaram a ser admiradas em seus mínimos detalhes e assustava – a o desejo que sentia; ela se tornara uma simples fêmea a procura do macho, a carne, o desejo estavam dominando – a, começara então a idealizar a figura de Manduca (era assim que era chamado o senhor Manuel Barbosa), Lenita se arrumou toda para esperá-lo, mas ele não apareceu na hora prevista chegando só de madrugada. O primeiro contato entre Lenita e Manduca não foi agradável e a moça se sentiu frustada, mas com o tempo os dois de tornaram inseparáveis, caçavam, liam, tocavam e passeavam juntos. Então, o desejo que sentiam um pelo outro foi crescendo cada dia mais até que Lenita não resistiu e, numa noite, foi até o quarto de Manduca. Eles viveram um grande romance rodeado de desejo e prazer até o ponto em que Lenita começou a descobrir algumas coisas a respeito de seu

homem quando ele teve que se ausentar da fazenda. Depois que Lenita descobriu alguns romances anteriores de Manduca, foi então que ela decidiu ir embora da fazenda e a aceitar uma proposta de casamento já que o pretendente dela não fez nenhuma objeção em assumir o filho que ela esperava. Após o casamento, Lenita mandou uma carta Manduca contando – lhe do filho que ela esperava dele o do casamento dela. Manuel Barbosa enfim entendera o que se passara, como mulher essa era a atitude a se esperar, ela não levou em consideração os sentimentos dele e então desesperado pelo desprezo cometeu um ato de loucura aplicando em si mesmo uma dose de veneno que o levou à morte.

O que mais me chamou a atenção foi como o desejo feminino é visto através da sexualidade sob a visão feminina, no caso *O Búfalo*, pois a narradora é uma mulher e a visão masculina encontrada em *A Carne* onde o narrador é um homem. Vale lembrar que as duas obras é recheada de sexualidade, principalmente a feminina e o que vou tentar analisar é como o universo feminino é entendido através do desejo manifestado nessa sexualidade.

Análise das obras

"O Búfalo"

Como já foi dito, este é um conto de Clarice Lispector e como é do estilo da autora escrever em metáforas, esse conto apresenta muito desse recurso. Também já foi mencionado que é um conto que fala sobre o desejo feminino manifestado na sexualidade sob visão feminina, já que por dedução o narrador é feminino. Então, vamos a análise.

O conto é iniciado por uma frase que é repetida por alguma vezes "Mas era primavera" observe que a frase é iniciada por uma conjunção. Essa conjunção pode indicar dificuldade, obstáculo, então, podemos concluir que a narradora já começa o conto falando de algo ou alguma coisa que representa dificuldades, obstáculos e é claro que não há nada mais difícil que a adolescência é nessa fase da vida que se descobre o desejo, o prazer, as transformações do nosso corpo. Um pouco mais adiante podemos reforçar essa dificuldade "... olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjauladas pelas jaulas fechada." . É na adolescência que há uma necessidade de descoberta. E cada descoberta de uma mulher desde a adolescência até ela se transformar em mulher, propriamente dita esta descrito neste conto e vamos acompanhar passo- a- passo .

Desde muito cedo a mulher convive com a sexualidade e aprende que o homem é

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

um ser superior, afinal é esse o conceito que nos é passado pela sociedade e pela instituição igreja, como já foi abordado por Marilena Chauí e mais, que a relação sexual é permitida no casamento então, esse conceito nos é imposto desde sempre "Até o leão lambeu a testa glabra da leoa (...)Depois o leão passeou enjubado e tranqüilo, e leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. "

Com o tempo uma mulher convive com transformações no seu corpo então, mulher percebe os seus primeiros pêlos pubianos e os vê com toda inocência, mas dentro dela procura sentir o que não sentia, o ódio, exatamente o ponto extremo para o que fora criada

> Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas.com a tola inocência do que é grande e teve e sem culpa . A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente (...) – sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença o ponto mais doente, o ponto do ódio (...)Não diante daquela carne que se distraíra em altura e distância, a girafa quase verde.

observe que na descrição, a narradora aborda com bastante intimidade as primeiras descobertas de uma mulher: *virgem de tranças recém – cortadas; a girafa quase verde*. Ou seja, algo que esta iniciando.

A mulher não descobre só o seu corpo com o tempo ela descobre que há prazer por prazer e que isso não faz nenhum sentido " O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.".

O mundo está cheio de regras e a mulher se depara com a convenção, com o proibido, com os limites estabelecidos pela sociedade para Ter prazer, ela que era

totalmente inocente não via na nudez um pecado " A nudez dos macacos. O mundo não via perigo em ser nú." . Mas, como todos, tinha que obedecer a uma regra então, quando alguém a olhava ela desviava os olhos pelo simples fato de se manter virgem, uma moça decente " Um macaco também a olhou segurando as grades (...) De repente a mulher desviou o rosto: é que os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso ..."

A mulher se exalta, sabendo ela que tem uma grande força que pode ser capaz de encontrar o seu próprio caminho mas que não o faz tornando – se um Ser pacífico, dócil, domável, assim como um elefante que é grande mas não sabe de sua força

> Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesmo? (...) mas o elefante suportava o próprio peso. Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava. Aquela potência que no entanto se deixara docilmente conduzir a um circo, elefante de crianças. E os olhos, numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada.

Como acontece, na maioria das vezes na adolescência, a mulher experimenta a sua primeira masturbação, a masturbação mental "A mulher então experimentou o camelo. O camelo em trapos, corcunda, mastigando a si próprio, entregue ao processo de conhecer a comida." Essa experiência é totalmente desconhecida e proibida, então a mulher não consegue sentir prazer "Lágrimas encheram os olhos da mulher, lágrimas que não correram, presas dentro da paciência de sua carne herdada."

É com a primeira menstruação que uma mulher tem o seu primeiro contato com o prazer e a narradora consegui descrever esta experiência com muito cuidado e intimidade "Aproximou – se das barras do cercado, aspirou o pó daquele tapete velho onde sangue cinzento circulava, procurou a tepidez impura, o prazer percorreu suas costas até o mal-estar, mas não ainda o mal-estar que ela viera buscar."

Percebe – se que em cada acontecimento a mulher procura o desejo, o prazer e a

cada momento ela desfruta de uma nova descoberta. Observe como a narradora descreve a primeira masturbação, a primeira vez em que a mulher se toca e que tem um orgasmo:

> Então foi sozinha Ter a sua violência (...) E ali estava agora sentada, quieta no casaco marrom (...) Separada de todos no seu banco, parecia estar sentada numa Igreja. Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos. O chão onde simplesmente por amor ... onde por puro amor nasciam um verde tão leve tanto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação.

Vamos por partes nessa citação acima:

- podemos entender por *casaco marrom* a pele, o corpo da mulher. Observe que a instituição Igreja se faz presente podando, dizendo que é pecado, que é proibido, tanto que faz com que a mulher desvie os olhos por que é uma tentação. Desviar os olhos de onde? Bom, vamos acompanhar "Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos." ou seja, viam a vagina entre as pernas e note que a erva ou os pêlos pubianos aqui está verde não mais quase verde como no início e com todo conhecimento do desejo e prazer feminino, das reações do corpo de uma mulher, a narradora descreve do toque até ao orgasmo de uma forma muito particular, de mulher para mulher

> Mas de repente foi aquele vôo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica, o corpo automaticamente alegre ... seu olhar ferido pela grande surpresa, a ofensa, 'faziam dela o que queriam' ... ela dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia – se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta.

vamos rever uma parte da citação "... morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta."

Percebe – se que a mulher ainda se mantém virgem, mas agora ela pôde experimentar pela primeira vez a sensação de ter um orgasmo e, quando o prazer termina, chega o sentimento de culpa por ter feito o que é considerado pela Igreja como pecado, o toque em seu próprio corpo (masturbação). Porque segundo o conceito imposto pela religião o prazer, o sexo, o desejo trazem o abaixamento espiritual.

> Pálida, jogada fora de uma Igreja ... Ajeitou as saias com recato. Não olhava para ninguém (...) Embora ninguém prestasse atenção, alisou de novo a saia, fazia o possível para que não percebessem que estava fraca e difamada (...) Por um momento a mulher quis, num cansaço de choro mudo, estender a mão para a terra difícil: sua mão se estendeu como a de um aleijado pedindo.

A mulher se sente muito culpada que até mesmo um simples olhar a condenava pelo o que acabara de acontecer, "Embora ninguém prestasse atenção" é como se todos soubessem que ela havia se tocado, que havia tido prazer, que havia se rendido ao desejo. Agora as grades pareciam estar mais próximas dela que antes, aliás "A jaula era sempre do lado onde ela estava: deu um gemido que pareceu vir da sola do pé. Depois outro gemido." Manter enjaulado, reprimido os anseios femininos se tornou comum, porque não só a religião mas a própria sociedade repreende esses anseio. Note que a mulher tenta se libertar, tenta não se sentir culpada, tenda dar o seu grito de liberdade, mostrar o que sente mas, a sociedade lhe impõe uma condição: a de Ser nascido para amar, para perdoar, para ser dona de casa, esposa e mãe por isso ela não pode sentir prazer. A sua natureza é de nunca encontrar o ódio, apenas a raiva um desejo que lembra o ódio mas que não o é pois a mulher foi criada para ser uma criatura dócil e amável e segundo Camille Paglia, mesmo que a sociedade sofra uma grande transformação não vai conseguir mudar a natureza,

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

porque somos apenas uma espécie de animal sobre a qual a natureza exerce a sua força.

> ...não era o ódio ainda, por enquanto apenas a vontade de ódio como um desejo (...) oh não mais esse mundo! ... Nunca o perdão, se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma vez só que fosse, sua vida estaria perdida (...) No peito que só sabia resignar – se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter a doçura da infelicidade, e só aprendera a amar, a amar, a amar.

Mas a mulher queria encontrar algo novo, algo que não conhecia e o caminho que poderia levá-la a um mundo até então desconhecido seria o do desejo. Na citação abaixo aparecerá a palavra *sapatos* que aqui estará nos remetendo a sentido de *desejo* "Quase corria, os *sapatos* a desequilibravam, e davam-lhe uma fragilidade de corpo que de novo a reduzia a fêmea de presa ... ela que não passava de uma delicada."

Enfim ela encontra o prazer. Deixando o desejo tomar conta de todo o seu Ser, ela se entrega ao bicho que poderia levá-la a conhecer um pouco do que seria o desconhecido. O que será destacado logo abaixo é como a narradora descreve a primeira relação sexual da mulher. Note com que delicadeza e conhecimento de causa a narradora faz essa descrição:

> Gemeu de novo, parou diante das barras de um cercado encostou o rosto quente no enferrujado frio do ferro. De olhos profundamente fechados procurava enterrar a cara entre dureza das grades, a cara tentava uma passagem impossível entre barras estreitas ... Um conforto passageiro veio – lhe do modo como as grades pareceram odiá-la opondo – lhe a resistência de um ferro gelado.

vamos por partes:

- como a mulher era uma virgem, a passagem do *ferro gelado* pelas *barras estreitas* tinham um pouco de resistência, ou seja, na primeira relação de uma mulher a

penetração do pênis na vagina ainda encontra alguns obstáculos devido ao fato de nunca ter sido penetrada. Pode – se entender também que essa resistência citada tem a ver com a proibição da sociedade frente ao sexo, principalmente no que se refere a descoberta do sexo pela mulher.

A mulher vê um búfalo que nos lembra a figura masculina e este está dentro do casaco marrom que antes fora definido como sendo a pele, o corpo da mulher, então, pressupõe-se que houve a penetração, que o órgão reprodutor masculino está dentro do órgão reprodutor feminino. "Abriu os olhos devagar (...) aos poucos as formas foram se solidificando, ela cansada, esmagada pela doçura de um cansaço (...) Abaixou de novo a cabeça e ficou olhando o *búfalo* ao longe. Dentro de um casaco marrom (...) O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno"

Apesar de ter acontecido a relação sexual, o que a mulher conseguia ver no *búfalo* era apenas o duro músculo do corpo dele. Como é o esperado pela sociedade e pela instituição Igreja a mulher mantém a posição passiva no relacionamento, afinal ela fora criada para ser submissa ao homem "A mulher aprumou um pouco a cabeça, recuou –a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou."

Começa a surgir o inevitável, a mulher sente o que viera buscar, o prazer. Enfim ela consegue chegar ao ponto máximo, ao clímax e como é o esperado, escorre o "primeiro fio de sangue negro", rompe – se o hímen afinal o búfalo estava "com o torso preso", ou seja o pênis do homem havia penetrado a vagina da mulher e continuara até que acontecesse o orgasmo. Orgasmo esse que é considerado desnecessário para a mulher, porque a função do sexo segundo a religião é para a procriação e, para que esta aconteça não se faz necessário que a mulher sinta prazer, afinal, a parte que cabe à mulher é receber o esperma que fecundará o óvulo que já está dentro do útero feminino. Portanto, é desnecessário a ejaculação da mulher, isso segundo os partidários do filósofo Aristóteles.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> O búfalo com o torso preso... Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura ... Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona (...) Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro. O primeiro instante foi de dor. Como para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo.

A narradora deixa claro no final do conto a entrega, a renúncia, o amor, o prazer e o desejo de uma mulher. A mulher se entrega tanto que fica a espera de ser tocada, de ser amada, de ser notada e, a única coisa que ela sabe e pode fazer é amar, amar sem medida, sem barreiras, sem pudor porque ela continua presa nas grades. É como se não pudesse libertar-se, é como se de fato tivesse sido criada pela natureza para ser inocente, ingênua e muito delicada, como ressalta Paglia em seu livro Personas Sexuais. Observe que ala não pode fugir, ela está "presa ao mútuo assassinato", assassinato esse que ela mesma procurara:

> Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo (...) Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entretanto cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grades.

O que se tentou mostrar foi a visão feminina em relação ao seu próprio universo que foi manifestado através do desejo e, para encerrar a análise deste conto, gostaria de deixar uma última passagem onde a narradora com toda simplicidade e carinho retrata o universo feminino e como as coisas simples fazem e formam um todo no mundo da

mulher. Para cada mulher cada objeto, cada detalhe, cada palavra revelam o seu mundo, a sua intimidade, os seus desejos "Contrita como no dia em que no meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelara a mesquinharia de uma vida íntima de precauções: pó de arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo no meio fio os andaimes de sua vida.

Análise de "A Carne"

"A Carne", é um romance de Júlio Ribeiro, o qual esta recheado de sexualidade. O que vou retratar nessa análise é como o narrador descreve a sexualidade feminina. Já foi feita a análise de "O Búfalo" onde uma mulher descreveu o desejo feminino manifestando a sexualidade, agora é a vez da visão masculina frente a esse mesmo desejo.

Já foi feito uma síntese das obras, mas para que facilite a minha análise dessa obra farei uma breve retomada do romance:

A história se passa em uma fazenda onde vivem Helena, (a Lenita) e o Sr. Manuel Barbosa, (o Manduca). É nessa fazenda que os dois personagens citados viverão o romance, no qual o narrador descreve com bastante ousadia os momentos que os amantes passam juntos e é nessa descrição que está retratada a visão masculina em relação ao desejo feminino que se manifesta através da sexualidade.

Mas, vamos por partes. Primeiro veremos como o narrador retrata a infância de Lenita. Segundo o narrador, a mãe de Lenita morrera de parto quando Lenita nascera

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

então, a criança recém-nascida fora criada pelo pai, o qual educou-a da melhor forma possível

> ... morreu a esposa, de parto, deixando-lhe uma filhinha.
>
> Lopes Matoso vergou à força do golpe, mas, como homem forte que era, não deixou abater de vez (...) passou a repartir o tempo entre o manusear de bons livros e a cuidar da filha (...) escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês ... em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito ...

sobre a infância de Lenita é só o que o narrador nos traz, depois ele retrata a idade de 14 anos, ou seja, a adolescência da moça e dessa fase da vida dela só é descrito que era uma forte, de caráter já formado e a sua primeira menstruação

> Aos quatorze anos ... era rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar (...) um dia de quebrantamento e cansaço, se mostrara o fenômeno pela primeira vez ela ficara louca de terror, acreditara-se ferida de morte, e, com impudícia da inocência, correra em gritos para o pai, contara-lhe tudo. Lopes Matoso procurara sossega-la - que não era nada, que isso se dava com todas as mulheres (...) Com o tempo, os livros da filosofia acabaram de a edificar; em Puss aprendera que a menstruação é uma muda epitelial do útero ...

Observe que Lenita descobre de uma forma muito impessoal o que se passa com o seu corpo. Se voltarmos um pouco na análise de "O Búfalo" veremos que a narradora descreve esse acontecimento de uma forma mais íntima. Quero deixar claro que não estou valorizando essa ou aquela forma de descrição, só estou tentando destacar que a visão masculina é superficial, é tirada de livros, daquilo que se ouve falar, não que não seja válida, mas se trata de uma visão diferente.

Como deu para notar na síntese da obra, Lenita fora criada só com o pai, portanto

criada para ser forte, para se destacar, para ser diferente mas, como faz parte da natureza feminina e não se pode fugir, começa a aparecer em Lenita as características femininas

> E Lenita sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a cede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais (...) Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um invalido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento.

Depois que se torna feminina começa a sentir desejos por homens então deixa claro o seu papel que já foi pré – destinado pela Igreja e pela sociedade, o qual o narrador aborda da seguinte forma "Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho."

E mais ainda, o narrador deixa bem claro o que significa sentir desejo para uma mulher. Vale lembrar que o conceito que será destacado nos remete ao conceito imposto pela instituição Igreja de que a dominação do amor carnal diminui o amor espiritual, consequentemente a elevação espiritual "... sentir-se ferida pelo aguilhão da carne, espolinhar-se nas concupiscências dócil, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer ... era a suprema humilhação."

O desejo de Lenita crescia cada vez mais, a carne passara a dominá-la e, se nos reportarmos para o livro de Lilith que foi escrito por Barbara Black Koltuv, veremos que é a partir desse ponto que a natureza da mulher devassa e impura começa a reinar. Então começara a sentir por Manduca algo que ela não compreendia e que tentava definir como sendo comum em uma mulher. Acompanhe como o narrador começa a tornar biológico o

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que sente uma mulher

> Surpreendia-se amiudadas vezes a pensar sem o querer no filho do coronel, nesse homem já maduro, casado, a quem nunca vira; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando falavam nele em sua presença. E concluía que aquilo era um estado patológico, que a minava um mal sem cura ... não estava doente, seu estado não era patológico, era fisiológico. O que ela sentia era o aguilhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a *voz* da carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie.

Manduca e Lenita se tornam inseparáveis e cada dia que se passava ficava mais difícil de controlar o desejo que sentiam um pelo outro. Por isso, quando Lenita entra pela primeira vez no quarto de Manduca, ela se entrega ao desejo, ao cio, a natureza bestial de Lilith "onde a mulher pode entregar às irresistíveis sensações do orgamo profundo ..."[7] Veremos como está relatada esta passagem, de que forma foi abordado o que Lenita, uma mulher, sentia. Chamo a atenção para a maneira como foi descrita as reações de Lenita, sendo o narrador um homem, ele só descreve o que conhece, ou seja, o que a carne deixa transparecer

> ... era um anseio vago, uma sede de sensações que a torturava. Quase em delíquio, deixou-se cair de bruços sobre a cama, afundou o rosto na travesseira, sorveu as haustos curtos, açodados, odor viril, esfregou, rostiu os seios de encontro ao fustão áspero da cocha branca (...) Trincou nos dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contrações espasmódicas.

---

[7] op. Cit.: p. 49

Sem ter outra opção Lenita como toda mulher, se rende a condição feminina e confessa que ama Manuel Barbosa, então começa a fazer o papel que lhe fora pré – destinado

> A fêmea altiva, orgulhosa, mas cônscia da sua superioridade, encontrava o macho digno de si: a senhora se fizera escrava (...) Ela deixava-o fazer, aceitava-lhe o auxilio, não porque se sentisse fraca, porque precisasse; mas para dar-lhe a ele o papel de forte, de protetor. Achava uma delícia inefável em ser mulher para que Barbosa fosse homem.

É deixado bem claro que o homem é o Ser superior, a parte forte do casal. E, como já foi abordado anteriormente, o corpo masculino é mais exigente sexualmente, portanto, o homem precisa se satisfazer e isso não é só uma questão de preferência pelo sexo mas sim o que se pode chamar de uma determinação ancestral. Porque segundo uma entrevista feita na revista Veja[8] , no sexo causal tudo o que o homem tem a perder são alguns míseros espermatozóides e se caso fecunda uma parceira ele ainda ganha descendência. Frente a este conceito podemos destacar a conclusão que Manduca teve a respeito de Lenita "Lenita se lhe oferecia, pois bem, ele seria o amante de Lenita." ou seja, além das necessidades sexuais de Manduca, Lenita uma mulher estava se oferecendo, tanto que foi ela quem foi ao quarto dele para provocá-lo. Essa passagem nos remete novamente a Lilith, a mulher que vagueia na noite provocando os himens e continuará a faze-lo até o dia do juízo fina Manduca bem que tentou evitar, mas como macho não pôde resistir o cheiro da fêmea no cio. Note que o narrador enquanto homem tenta tirar a responsabilidade de Manduca, ficando assim toda a culpa para Lenita, a final, ela é uma mulher portanto; a parte fraca e luxuriosa de uma relação a dois "Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou ... abeirou-se da cama de Barbosa. Curvou-se, apoiou a mão no respaldo da cabeceira, aproximou a

---

[8] Veja. nº 1607, 21 de junho de 1999.

sua cabeça do peito do homem adormecido, escutou-lhe a respiração igual, hauriu-lhe o cheiro másculo do corpo, sentiu-lhe a tepidez da pele."

O narrador deixa bem claro que Manduca não teve culpa, como já foi dito, foi o seu instinto de macho frente a fêmea que o provocara-o "Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundi-se-lhe no cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o de desejo, triunfou a sugestão da carne."

É obvio que o inevitável aconteceu e Lenita teve o seu primeiro coito, a sua primeira relação sexual. Chamo novamente a atenção para a diferença das narrações feitas em relação ao primeiro coito feminino. Em *O Búfalo* a narradora tentou passar o que sentiu a mulher não só no corpo mas também no interior, no sentimental, na descoberta de uma nova fase. Já nessa obra, o narrador descreve com muita sexualidade, com muito prazer e desejo e até mesmo com violência as carícias antes do ato sexual, mas não deixa transparecer o que sentiu a mulher enquanto o seu corpo sofria uma grande transformação, como já foi dito, sendo um narrador um homem só pode descrever aquilo que vê ou lê, ou até mesmo sente mas como homem. Para entender melhor, vamos a passagem que aborda o acontecimento

> Lenita agarrou-se a Barbosa, cingiu-o, enlaçou-o com os braços, com as pernas, como um polvo que aferra a preia; com a boca aberta, arquejante, úmida, procurou-lhe a boca; refinada instintivamente em sensualidade, mordeu-lhe os lábios, beijou-lhe a superfície polida dos dentes, sugou-lhe a língua ... E o prazer que ela sentia revelava-o na respiração açodada; no hálito curto, quente, frenético ...

Depois da primeira noite de Lenita e Manduca, os dois passavam todas os dias e noites juntos, como de costume, só que agora eram amantes e se rendiam a todo desejo da carne. Não é de admirar que Lenita, uma mulher se prestasse a todo tipo de sexo, afinal, segundo

a concepção religiosa as mulheres são tidas como mal maléfico porque, por natureza, elas são insaciáveis. Sendo assim, os homens usam a parte fraca da mulher e as tornam os seus objetos sexuais segundo a Igreja, já que elas se prestam a esse papel. É por isso que o narrador de "A Carne" descreve que Manduca se deliciava com o corpo de Lenita

> ...chegava-se, ajoelhava-se; e, trêmulo, com a respiração açodada, beijava-lhe as unhas róseas e a pele branca dos pés, erguia o busto, alteava-se ousado, osculava-lhe as coxas roliças (...) Nervosamente, brutalmente, foi despido a Lenita: não desabotoava, não desacolchetava; arrancava botões, arrebentava colchetes. Quando viu nua, fê-la reclinar-se sobre o musgo, dobrou-lhe a perna esquerda, apoiou-lhe o pé em uma saliência de pedra, dobrou-lhe também o braço esquerdo, cuja mão, em abandono, foi tocar o ombro de leve, com as pontas dos dedos...

Mas como é esperado em toda mulher, Lenita fica grávida. É por isso também que as mulheres não podem abusar da sexualidade, afinal com uma gravidez são elas que arcam com o maior custo, portanto, mesmo gostando de sexo as mulheres tem que escolher muito bem os seus parceiros pois para elas o sexo sempre envolveu o risco de engravidar e, ao contrário dos homens, segundo Koltuv, as mulheres não saem em buscas de aventuras ou feitos heroícos, elas não têm escolha, sentem-se expulsas e obrigas à conciência. Segundo o narrador, estando grávida Lenita toma a única atitude esperada por uma mulher, a de achar um homem que possa assumi-la e assumir o filho de outro, fazendo assim o que a sociedade determina, ou seja, construir uma família "Não havia duvidas, estava grávida (...) Estou grávida de três meses mais ou menos. Preciso de um pai oficial para nosso filho (...) o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei a aceitá-lo ..."
Como a gravidez e com o casamento são os únicos jeitos de controlar uma mulher, segundo a Igreja. Então não poderia ser diferente, casar Lenita seria o fim dos problemas,

do desejo, do poder da carne. Observe que a atitude do narrador é típica de homem, atitude esta abordada por Chauí em seu livro Repressão Sexual ou seja, o homem torna-se superior a mulher e coloca-a em seu devido lugar, a de Ser passivo.

Da melhor forma possível tentei captar as partes que mais falavam da sexualidade feminina no romance *A Carne*, o que posso acrescentar é que realmente o universo feminino foi abordado de maneira diferente pelo narrador desse romance. Quero deixar claro que lendo a obra percebesse que o narrador tentou da forma mais simples e ousada retratar a visão masculina frete ao universo feminino que foi visto através do desejo que se manifestou na sexualidade de Lenita e, em algumas passagens, ele chega até a descrever alguns sentimentos de mulher como, quando ele descreveu as sensações de Lenita frente a notícia de que seria mãe. Só para se ter uma idéia colocarei a referida passagem logo abaixo

> No mesmo instante apoderou-se dela um afeto imenso, indizível, por esse quer fosse, que assim ensaiava os primeiros movimentos na ante-sala da vida (...) – Que iria fazer? perguntou-se a si mesma, e, sem hesitar, respondeu-se – levar a bom termo a gestação, parir, criar, educar o filho, rever-se nele, ser mãe.

note que o narrador descreveu com bastante carinho a idéia de Lenita ser mãe, apesar de ser um homem ele procurou de uma maneira delicada retratar os sentimentos de uma mulher que descobre que seria mãe pela primeira vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esse ensaio monográfico procurei delimitar como corpus o universo feminino e como este universo é visto através da visão masculina e feminina. Este universo foi entendido através do desejo manifestado na sexualidade.

Nós convivemos entre homens e mulheres, então é interessante saber de que forma eles vêem o mundo feminino. Para que não se tornasse longa o meu ensaio monográfico, me detive a retratar essa visão em duas obras. A primeira foi "O Búfalo", um conto de Clarice Lispector que é narrado por uma figura feminina os desejos de uma mulher. E a Segunda obra foi o romance de Júlio Ribeiro, "A Carne" que tem como narrador um homem descrevendo os desejos de uma mulher.

Confesso que tanto uma quanto a outra obra me despertou muito interesse, são pequenos detalhes que quanto mais se lê as obras, mas percebidos. O que tentei buscar foi as descrições mais íntimas dos narradores em relação ao desejo feminino. É lógico que um trabalho escrito nos exige muito e as vezes coisas que poderiam ser ditas passam despercebidas quando transcritas, mas na medida do possível tentei retratar da melhor maneira como os narradores abordaram o tema em questão, sempre apoiada pelos recursos

Campus ... Lacerda - MT
BIBLIOTECA

teóricos.

Quero novamente ressaltar que não foi colocado em questão se uma visão é melhor ou pior que a outra mas sim que há uma diferença na maneira masculina em descrever o universo feminino e na maneira feminina em descrever o seu próprio universo, afinal o que a narradora do conto *O Búfalo* fez foi retratar o seu próprio mundo portanto, fez com mais intimidade e com muita particularidade. Já o narrador de *A Carne* descreveu aquilo que leu, observou e até mesmo sentiu, mas como homem.

Realizar um trabalho assim foi e é muito difícil mas muito gratificante também, apesar do curto espaço de tempo em que teve que ser desenvolvido, o que pude descobrir me deixou muito satisfeita e foi o que tentei passar nesse ensaio monográfico. Segundo Paglia somos animais hierárquicos, ou seja, é só acabar uma dominação que colocamos outra no lugar. Quando está em baixo o prestígio do Estado, da religião, das droga, etc, o homem procura outro meio de se escravizar porque acha a liberdade intolerável. E o que está acontecendo é exatamente a escravidão por meio da sexualidade. Vimos e ouvimos sobre esse assunto todos os dias é só ligar a TV que nos aparece um "bumbum" lindo rebolando ou uma cena de sexo nas novelas e até mesmo nos filmes para passar a tarde. Então porque não falar sobre essa sexualidade e como esta é vista pelos dois lados opostos, o do homem e o da mulher. E como é sempre a sexualidade feminina que está em cena, proucurei retratar esse mundo, esse desejo, ou seja, como o universo feminino é visto através da visão masculina e feminina e, este universo foi entendido através do desejo manifestado na sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo (org.) – **O Conto Contemporâneo Brasileiro**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

COUTINHO, Afrânio –**A Literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996

CHAUÍ, Marilena –**Repressão Sexual. Essa nossa (des)conhecida.** 12ª ed. São Paulo: Bra silience, 1991.

KOLTUV, Barbara Black – **O livro de Lilith**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PAGLIA, Camille – **Personas Sexuais**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RIBEIRO, Júlio – **A Carne**. São Paulo: Afiliada, 1999.

Petrópolis, Vozes,
erspectiva, 1969;
ades, 1970; Assis
a Lima, "Clarice
mo, 2.ª ed., Rio,
Clarice Lispector,
eliz Aniversário",

O BÚFALO

CLARICE LISPECTOR

Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjubado e tranqüilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. "Mas isso é amor, é amor de novo", revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado. Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas. Continuou a andar. Os olhos estavam tão concentrados na procura que sua vista às vezes se escurecia num sono, e então ela se refazia como na frescura de uma cova.

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa. A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente. Sem conseguir — diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas — sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente. Não diante daquela carne que se distraíra em altura e distância, a girafa quase verde. Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar. O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.

Mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar. Ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer. A nudez dos macacos. O mundo que não via perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. Um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho. Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar. De repente a mulher desviou o rosto: é que os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho — a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele continuava a olhar para a frente. "Oh não, não isso", pensou. E enquanto fugia, disse: "Deus, me ensine somente a odiar."

"Eu te odeio", disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la. "Eu te odeio", disse muito apressada. Mas não sabia sequer como se fazia. Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma? Andou pelo Jardim Zoológico entre mães e crianças. Mas o elefante suportava o próprio peso. Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava. Aquela potência que no entanto se deixaria docilmente conduzir a um circo, elefante de crianças. E os olhos, numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada. O elefante oriental. Também a primavera oriental, e tudo nascendo, tudo escorrendo pelo riacho.

A mulher então experimentou o camelo. O camelo em trapos, corcunda, mastigando a si próprio, entregue ao processo de conhecer a comida. Ela se sentiu fraca e cansada, há dois dias mal comia. Os grandes cílios empoeirados do camelo sobre olhos que se tinham dedicado à paciência de um artezanato interno. A paciência, a paciência, a paciência, só isso ela encontrava na primavera ao vento. Lágrimas encheram os olhos da mulher, lágrimas que não correram, presas dentro da paciência de sua carne herdada. Somente o cheiro de poeira do camelo vinha de encontro ao que ela viera: ao ódio seco, não a lágrimas. Aproximou-se das barras do cercado, aspirou o pó daquele tapete velho onde sangue cinzento circulava, procurou a tepidez impura, o prazer percorreu suas costas até o mal-estar, mas não ainda o mal-estar que ela viera buscar. No estômago contraiu-se em cólica de fome a vontade de matar. Mas não o camelo de estopa. "Oh Deus, quem será meu par neste mundo?"

Então foi sozinha ter a sua violência. No pequeno parque de diversões do Jardim Zoológico esperou meditativa na fila de namorados pela sua vez de se sentar no carro da montanha-russa.

E ali estava agora sentada, quieta no casaco marrom. O banco ainda parado, a maquinaria da montanha-russa ainda parada. Separada de todos no seu banco, parecia estar sentada numa Igreja. Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos. O chão onde simplesmente por amor — amor, amor, não o amor! — onde por puro amor nasciam entre os trilhos ervas de um verde leve tão tonto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação. A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar.

Mas de repente foi aquele vôo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica, o corpo automaticamente alegre — o grito das namoradas! — seu olhar ferido pela grande surpresa, a ofensa, "faziam dela o que queriam", a grande ofensa — o grito das namoradas! — a enorme perplexidade de estar espasmodicamente brincando faziam dela o que queriam, de repente sua candura exposta. Quantos minutos? os minutos de um grito prolongado de trem na curva, e a alegria de um novo mergulho no ar insultando-a com um pontapé, ela dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta, não a morte dos outros, a sua, sempre a sua. Ela que poderia ter aproveitado o grito dos outros para dar seu urro de lamento, ela se esqueceu, ela só teve espanto.

E agora este silêncio também súbito. Estavam de volta à terra, a maquinaria de novo inteiramente parada.

Pálida, jogada fora de uma Igreja, olhou a terra imóvel de onde partira e aonde de novo fora entregue. Ajeitou as saias com recato. Não olhava para ninguém. Contrita como no dia em que no meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelara a mesquinharia de uma vida íntima de precauções: pó de arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo no meio-fio os andaimes de sua vida. Levantou-se do banco estonteada como se estivesse se sacudindo de um atropelamento. Embora ninguém prestasse

atenção, alisou de novo a saia, fazia o possível para que não percebessem que estava fraca e difamada, protegia com altivez os ossos quebrados. Mas o céu lhe rodava no estômago vazio; a terra, que subia e descia a seus olhos, ficava por momentos distante, a terra que é sempre tão difícil. Por um momento a mulher quis, num cansaço de choro mudo, estender a mão para a terra difícil: sua mão se estendeu como a de um aleijado pedindo. Mas como se tivesse engolido o vácuo, o coração surpreendido.

Só isso? Só isto. Da violência, só isto.

Recomeçou a andar em direção aos bichos. O quebranto da montanha-russa deixara-a suave. Não conseguiu ir muito adiante: teve que apoiar a testa na grade de uma jaula, exausta, a respiração curta e leve. De dentro da jaula o quati olhou-a. Ela o olhou. Nenhuma palavra trocada. Nunca poderia odiar o quati que no silêncio de um corpo indagante a olhava. Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo uma pergunta como uma criança pergunta. E ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão mortal. A testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que um quati livre a examinava.

A jaula era sempre do lado onde ela estava: deu um gemido que pareceu vir da sola dos pés. Depois outro gemido.

Então, nascida do ventre, de novo subiu, implorante, em onda vagarosa, a vontade de matar — seus olhos molharam-se gratos e negros numa quase felicidade, não era o ódio ainda, por enquanto apenas a vontade atormentada de ódio como um desejo, a promessa do desabrochamento cruel, um tormento como de amor, a vontade de ódio se prometendo sagrado sangue e triunfo, a fêmea rejeitada espiritualizara-se na grande esperança. Mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? o ódio que lhe pertencia por direito mas que em dor ela não alcançava? Onde aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem? O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não doe... oh não mais esse mundo! não mais esse perfume, não esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se. Nunca o perdão, se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida — deu um gemido áspero e curto, o quati sobressaltou-se — enjaulada olhou em torno de si, e como não era pessoa em quem prestassem atenção, encolheu-se como uma velha assassina solitária, uma criança passou correndo sem vê-la.

Recomeçou então a andar, agora apequenada, dura, os punhos de novo fortificados nos bolsos, a assassina incógnita, e tudo estava preso no seu peito. No peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter a doçura da infelicidade, e só aprendera a amar, a amar, a amar. Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer sem pudor, ela começou a andar tão depressa que parecia ter encontrado um súbito destino. Quase corria, os sapatos a desequilibravam, e davam-lhe uma fragilidade de corpo que de novo a reduzia a fêmea de presa, os passos tomaram mecanicamente o desespero implorante dos delicados, ela que não passava de uma delicada. Mas, pudesse tirar os sapatos, poderia evitar a alegria de andar descalça? como não amar o chão em que se pisa? Gemeu de novo, parou diante das barras de um cercado, encostou o rosto quente no enferrujado frio do ferro. De olhos profundamente fechados procurava enterrar a cara entre a dureza das grades, a cara tentava uma passagem impossível entre barras estreitas, assim como antes vira o macaco recém-nascido buscar na cegueira da fome o peito da macaca. Um conforto passageiro veio-lhe do modo como as grades pareceram odiá-la opondo-lhe a resistência de um ferro gelado.

Abriu os olhos devagar. Os olhos vindos de sua própria escuridão nada viram na desmaiada luz da tarde. Ficou respirando. Aos poucos recomeçou a enxergar, aos poucos as formas foram se solidificando, ela cansada, esmagada pela doçura de um cansaço. Sua cabeça ergueu-se em indagação para as árvores de brotos nascendo, os olhos viram as pequenas nuvens brancas. Sem esperança, ouviu a leveza de um riacho. Abaixou de novo a cabeça e ficou olhando o búfalo ao longe. Dentro de um casaco marrom, respirando sem interesse, ninguém interessado nela, ela não interessada em ninguém.

Certa paz enfim. A brisa mexendo nos cabelos da testa como nos de pessoa recém-morta, de testa ainda suada. Olhando com isenção aquele grande terreno seco rodeado de grades altas, o terreno do búfalo. O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que à distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos.

A mulher talvez fosse embora mas o silêncio era bom no cair da tarde.

E no silêncio do cercado, os passos vagarosos, a poeira seca sob os cascos secos. De longe, no seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido.

A mulher aprumou um pouco a cabeça, recuou-a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou.

E mais uma vez o búfalo pareceu notá-la.

Como se ela não tivesse suportado sentir o que sentira, desviou subitamente o rosto e olhou uma árvore. Seu coração não bateu no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos.

O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco.

O búfalo com o torso preso. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranqüila raiva, a mulher suspirou devagar. Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona. Não sabia onde estivera. Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera.

E de onde olhou de novo o búfalo.

O búfalo agora maior. O búfalo negro. Ah, disse de repente com uma dor. O búfalo de costas para ela, imóvel. O rosto esbranquiçado da mulher não sabia como chamá-lo. Ah! disse provocando-o. Ah! disse ela. Seu rosto estava coberto de mortal brancura, o rosto subitamente emagrecido era de pureza e veneração. Ah! instigou-o com os dentes apertados. Mas de costas para ela, o búfalo inteiramente imóvel.

Apanhou uma pedra no chão e jogou para dentro do cercado. A imobilidade do torso, mais negra ainda se aquietou: a pedra rolou inútil.

Ah! disse sacudindo as barras. Aquela coisa branca se espalhava dentro dela, viscosa como uma saliva. O búfalo de costas.

Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro.

O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo. Ficou parada, ouvindo pingar como numa grota aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprazada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível e quente, enfim incompreensível, acontecia, uma coisa como uma alegria sentida na boca. Então o búfalo voltou-se para ela.

O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e à distância encarou-a.

Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo.

Enfim provocado, o grande búfalo aproximou-se sem pressa.

Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos.

E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo. A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça. O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranqüilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo.

[De *Laços de Família*. Rio, Francisco Alves, 1960.]